



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

CLASSE SOCIAL NO MARXISMO COMO OBJETO ESTUDO: UMA ANÁLISE DE SUA CENTRALIDADE NO HOLISMO E INDIVIDUALISMO METODOLÓGICO ?

Autores: LUIZ FILIPE RODRIGUES DOS SANTOS, GILMAR RIBEIRO SANTOS

Introdução

A validade do uso das classes sociais para explicação das desigualdades sociais ou de qualquer realidade social ocupa lugar de destaque na sociologia, desde as suas formulações clássicas até os dias atuais. As primeiras e principais correntes de pensamento a tomá-las como objeto de estudo são Karl Marx e Max Weber. O primeiro concebe classe como grupos homogêneos que disputam os meios de produção. Essa vertente tem como base a economia e a distribuição desigual que resulta em luta de classes no capitalismo. A vertente weberiana dá ênfase aos aspectos socioculturais e políticos dos grupos na sociedade. Para Weber, classe está ligada às relações de mercado e à posição dos indivíduos no mesmo, sendo que o fator que a cria é o interesse econômico claro. Ele considera outras duas estratificações, a do *status* e do poder.

Diante dessas concepções, os dois autores processaram a análise da realidade das classes e grupos a partir de visões diferentes. Marx explica a realidade por meio do materialismo dialético, que concebe uma metodologia que analisa as classes ou fenômenos macro como determinantes da agência humana. Ele não é diretamente ligado ao holismo metodológico, mas alguns marxistas, como Elster (1989) o considera como um coletivista metodológico. Weber é expoente da corrente conhecida como individualismo metodológico, visto que os grupos de status, classe e poder são explicados de acordo com a ação dos indivíduos.

Desde o surgimento das ciências sociais, no século XIX, três grandes paradigmas de explicação oferecem pressupostos teóricos e metodológicos para os estudos que tomam a sociedade como objeto. Os três paradigmas ainda possuem validade para explicação científica dos fenômenos sociais a nível macro e micro. Nos níveis da estrutura, a explicação que fundamenta as análises é a do holismo metodológico, que tem como premissa a sociedade como totalidade. Assim, categorias como Estado, capitalismo, ou demais instituições sociais explicam e determinam a ação de indivíduos, grupos e coletividades. Essa visão é compartilhada por Durkheim, expressa em sua teoria pelos fatos sociais como objeto da sociologia, sendo estes as instituições precedentes ao indivíduo; e por Marx, que toma como objeto as classes sociais enquanto coletividades conscientes que determinam a ação dos indivíduos. O paradigma de Weber tem como objeto de estudo a ação social, daí decorre, nas ciências sociais, os estudos do individualismo metodológico. Em primeira mão, o autor defende que a sociedade é explicada pelas ações individuais. Assim, a sociedade é criada pelos indivíduos, e é preciso compreender como os fenômenos sociais resultam dela.

Diante dessas concepções, esse trabalho busca localizar as classes sociais enquanto objeto de estudo a partir do debate holismo/individualismo metodológico. É possível ainda atribuir relevância ao estudo de classes para entendimento da realidade? Como se caracteriza o debate acerca do holismo/coletivismo metodológicos? Quais são os limites de cada um desses paradigmas?

A partir das mudanças sociais no capitalismo e na sociedade como um todo, verificou-se a necessidade de incorporar à análise das classes sociais, às relações das quais fazem parte e aos resultados sociais que produzem, a ação dos indivíduos enquanto unidade e caminho de explicação e compreensão dos estudos sociais, sobretudo aqueles ligados à estratificação e desigualdades sociais. Este movimento se deu a partir do neomarxismo, e será o cenário sobre o qual se desenvolve este texto.

Classes: conceito, formulação da perspectiva teórica e epistemológica em Marx

A história é a principal fonte para entender as relações presentes. Partindo do pressuposto de que a produção da vida material condiciona a consciência e a produção das ideias, Marx (2001) formula seu método de análise da sociedade, o materialismo histórico dialético, em busca de entendimentos das relações entre grupos em oposição. Não obstante, as formulações do alemão referentes à classe tinham como principal objetivo teorizar sobre as transformações sociais do século XIX, incluindo na estrutura da sociedade moderna, o conflito entre as classes.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

A propriedade é o elemento central para se compreender a divisão social do trabalho nas diversas sociedades, indicando a cooperação de indivíduos em trabalhos determinados para produção da matéria. Nesse sentido, a posição de cada indivíduo nessa subdivisão está condicionada a um modo de produção que gera uma segregação e oposição entre grupos distintos, onde uns são os dominados e outros os dominantes. Desta forma, a propriedade configura-se em diversas formas na história da humanidade até chegar a mais recente, que marca a dicotomia entre proprietários das indústrias e proletariado. São quatro as propriedades abordadas em *A Ideologia Alemã*: 1) *propriedade tribal*, 2) *propriedade comunal*, 3) *propriedade feudal* e 4) *propriedade privada moderna*.

Sem dúvida, Marx (2001) ressaltou o caráter revolucionário da burguesia ao transformar todas as relações política, econômica e moral, que desembocaram em uma dominação ímpar em relação aos estratos dominantes em outros estágios da sociedade. “A burguesia só pode existir com a condição de revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção e, como isso, todas as relações sociais.” (MARX, 1999, p. 33). Subordinada à dominação política, ideológica e econômica da burguesia, o proletariado se constitui numa classe a partir do momento em que se tem consciência de sua situação.

Assim, no cerne da teoria de classes de Marx, a luta política entre burgueses e operários gira em torno do conflito de interesses das duas principais classes no modo de produção capitalista. Nesse sentido, classes para Marx são grupos homogêneos de indivíduos que compactuam da mesma situação política e econômica na produção da vida material, expressando a forte divisão social do trabalho. De um lado, a burguesia e sua dominação política, ideológica, jurídica (superestrutura) e dos meios de produção (infraestrutura), pois possui o Estado como instrumento possibilitador da dominação. Do outro lado, o proletariado, detentor somente de sua força produtiva, sendo “obrigado” a vender sua força de trabalho para sobrevivência. (MARX, 2001).

Decerto, sabemos que não fora isso que ocorreu posteriormente nestes longos anos de capitalismo. Aliás, longos em função de serem já mais de 200 anos, mas pequeno em relação às outras épocas históricas. As mudanças no capitalismo foram condicionadas pelo caráter revolucionário da burguesia, que tanto Marx resalta em seus escritos. Um deles é o fordismo, que realizou mudanças nas composições de classe, relações de produção e formas de produzir, provocando um retardamento na sonhada revolução. Ademais, a tarefa para entendimento e atualização das teorias de classes ficaram para os neomarxistas, com a problemática de estudar as classes que não produzem diretamente a vida material, mas que controlam os trabalhadores e são controlados pelos capitalistas, bem como localizar o indivíduo nessa discussão.

Holismo e individualismo metodológico no marxismo

Os primeiros estudos sociais baseados nos pressupostos do holismo são encontrados em Comte, Saint-Simon, dentre outros. Desses, Durkheim (2007) herdou o funcionalismo para explicar a sociedade. Esse paradigma entende que a estrutura determina o comportamento dos indivíduos, que são moldados por instituições sociais. Tais instituições exercem funções que se articulam e determinam a coesão social. Nesse caso, o indivíduo é elemento da totalidade. O holismo, enquanto método interpretativo deve ser aplicado através da observação externa e controlada da realidade social estudada, análoga aos estudos dos fenômenos naturais.

A dualidade holismo/individualismo é motivo de debates epistemológicos. Elster (1989) entende que o marxismo e escritos de Marx são, do ponto de vista metodológico, similares ao funcionalismo. Para o autor, a explicação holística está contida também nas teorias marxistas.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Reconstituir as teorias de Marx, bem como atualizá-las foi e continua sendo um desafio para os neomarxistas. O marxismo analítico ou neomarxismo surgiu da necessidade de incorporar às teorias marxistas maior rigor analítica teórico-metodológica. A busca da renovação do marxismo por meio de rigoroso programa de pesquisa produziu uma série de investigações que buscou superar a Escola de Frankfurt, pois esta havia dado ênfase à filosofia. Um dos expoentes dessa nova escola foi Elster (1989), que contribuiu formulando e defendendo o individualismo metodológico dentro da tradição marxista. Explica o autor que o marxismo tem dificuldades de praticar ciência, pois sua explicação é feita a partir do funcionalismo, se baseando em um holismo radical.

Categorias macro para o holismo radical, são irredutíveis na explicação microsocial, bem como não sofrem de influência dos indivíduos. “Não se trata, apenas, de que o ‘todo é mais do que a soma de suas partes’, mas de que o todo é a causa exclusiva e as partes são meros artefatos, ainda que constituídos a partir de relações sociais.” (LEVINE et al, p. 62, 1989).

Com esse diagnóstico do funcionalismo no marxismo, Elster (1989) propõe o individualismo como método interpretativo. Segundo Elster (1989)

Chamo de individualismo metodológico a doutrina segundo a qual todos os fenômenos sociais (sua estrutura e sua mudança) são explicáveis, em princípio, apenas em termos de indivíduos: de suas características, fins e crenças. Essa doutrina não é incompatível com nenhuma das proposições verdadeiras que se seguem: (a) indivíduos frequentemente têm fins que envolvem o bem-estar de outros indivíduos; (b) eles frequentemente acreditam em entidades supra individuais não redutíveis às crenças que têm sobre os indivíduos. "O medo que o capitalista tem da classe trabalhadora" não pode ser reduzido aos sentimentos dos capitalistas em relação a trabalhadores individuais. Pelo contrário, a proposição "o lucro do capitalista é ameaçado pela classe trabalhadora" pode ser reduzida a uma proposição complexa sobre as consequências das ações de trabalhadores individuais; (c) muitas características dos indivíduos, tais como "autoridade" ou "poder", são irredutivelmente relacionais, de modo que uma descrição precisa de um indivíduo deve ser feita por referência a outros indivíduos. (ELSTER, p.164)

Essa proposta metodológica de Elster (1989) procura abordar os fenômenos sociais a partir das motivações individuais. A soma do comportamento dos indivíduos é que é capaz de explicar as classes, a ação coletiva. Assim, é preciso buscar os micros fundamentos dos fenômenos sociais para explicar o todo.

Um dos maiores desafios do marxismo analítico, portanto, seria conciliar uma teoria de caráter macroestrutural a uma proposta de análise que tem como princípio os micro fundamentos da realidade, ou seja, a ação dos indivíduos. Se o individualismo metodológico considera a ação humana individual como a unidade elementar da vida social, a explicação da mudança social deve ser pautada pela busca da compreensão da agência e da interação de indivíduos.

Nesse sentido, o individualismo metodológico segue o percurso que visa determinar os processos a partir dos quais seria possível explicar a ação, tomada como o resultado de operações filtradoras: por um lado as coerções (psicológicas, legais, físicas e econômicas) que compõem o conjunto de oportunidades, e, por outro lado, um mecanismo que, dentro dessas oportunidades, determina qual ação será executada.

O princípio da racionalidade, tido por Weber como um dos fundamentos da ação social, torna-se com Elster (1989) a base da teoria da Escolha Racional, utilizada pelo marxismo analítico para contornar o dilema da inserção de micro fundamentos à análise das classes sociais. De acordo com Elster (1989), a ação racional refere-se à resultados, estabelecendo a simples equação de que x deverá ser feito se há o desejo de que y seja atingido. Em meio a várias possibilidades de ação, os indivíduos optam por aquelas que os fará alcançar os melhores resultados. Assim, a escolha racional é totalmente instrumental e o indivíduo racional é aquele que calcula e ajusta os meios disponíveis aos fins desejados. (ELSTER, 1998).

Através da utilização deste esquema de análise o neomarxismo confere centralidade ao ator social tanto no que diz respeito à configuração da realidade social quanto dos estudos sociológicos, ainda que não estejam com isso retornando ao que consideram um “subjetivismo” que historicamente desconsiderou as determinações macro, estruturais e objetivas da ação humana.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

O que fica evidente é que as classes sociais ganham uma nova forma de abordagem, sobretudo a partir do pressuposto de que, para além de se constituírem enquanto atores coletivos e para além de intermediados por organizações são também compostas por agentes. São estes os responsáveis pelas ações, são eles que agem.

A partir daí a concepção de Elster (1989) torna-se imprescindível para explicar a organização das classes, sua ação e, principalmente como se tornam aptas a transformar a realidade. A ação coletiva, portanto, pode ser mais bem pensada a partir da utilização de elementos que ultrapassam as categorias holistas. Em última instância, trata-se de não desconsiderar a importância da combinação dos comportamentos individuais no interior das classes.

Conclusão

A despeito de todas as transformações ocorridas no capitalismo, enquanto modo de produção vigente, ele continua sendo pautado por processos que estruturam e reestruturam constantes as desigualdades sociais. Quando se trata de interpretar tais mudanças e, sobretudo compreender os mecanismos desses processos, o estudo das classes sociais continua sendo um importante caminho a ser percorrido. Enquanto elemento conceitual elas continuam sendo o elo entre as teorias de cunho macrossociológico e os micros fundamentos da ação humana individual.

Em sua forma clássica, enquanto conceito estabelecido a partir de uma perspectiva relacional, marcada por relações de conflito, baseadas na propriedade e tendo a exploração como fundamento, as classes sociais requerem um exercício de atualização teórico epistemológico. O neomarxismo se propõe a realizar tal empreendimento intelectual, tentando suprir o que consideram as “lacunas” de uma análise abstrata. Adotando como fio condutor de suas análises as relações entre a estrutura de classe e os agentes de classe, bem como os processos de constituição destes agentes, esta corrente de pensamento mantém viva a centralidade e o poder de explicação das classes sociais.

Referências bibliográficas

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 3º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ELSTER, Jon. **Peças e Engrenagens das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994

GIDDENS, Anthony. **A Estrutura de Classes das Sociedades Avançadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973.

LEVINE, Andrew; SOBER, Elliot; Wright, Erick Ollin. **Marxismo e Individualismo Metodológico**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 11, vol. 4, out. de 1985.

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Martin Claret, 1999.

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.